

## A RESISTÊNCIA FANONIANA COMO CONSTRUCTO IDENTITÁRIO NO ROMANCE JUVENIL *O ÓDIO QUE VOCÊ SEMEIA*, DE ANGIE THOMAS

*FANONIAN RESISTANCE AS AN IDENTITY CONSTRUCTION IN THE YOUTH NOVEL THE HATE YOU GIVE, BY ANGIE THOMAS*

Geniane Diamante Ferreira  <https://orcid.org/0000-0003-4955-3338>  
Programa Pós-Graduação em Letras  
Universidade Estadual de Maringá  
gdfferreira@uem.br

Natacha dos Santos Esteves  <https://orcid.org/0000-0002-9834-5044>  
Programa Pós-Graduação em Letras  
Universidade Estadual de Maringá  
natachaestevescm@gmail.com

D.O.I: <http://doi.org/10.5281/zenodo.13562876>

Recebido em 31 de março de 2024

Aceito em 20 de maio de 2024

**Resumo:** O presente estudo, partindo do romance *O ódio que você semeia* (2019), da escritora afro-americana Angie Thomas, apresenta os principais aspectos da resistência violenta na obra, tendo embasamento nos estudos teóricos de Frantz Fanon (2005; 2020). A protagonista do romance, uma adolescente negra, testemunha o assassinato de um jovem negro durante uma abordagem policial. A obra mostra como a personagem conseguiu sair do *status quo* da branquitude e foi capaz usar sua voz como uma arma de revide. Diante do exposto, o objetivo do estudo é explicar quais são as formas de resistência que se fazem presentes na narrativa – não apenas através da protagonista. Ademais, objetiva-se determinar de que maneira a resistência, em sua materialização fanoniana, contribui para a criação de subjetividade negra no processo de “tornar-se negro”. Para tanto, a metodologia empregada no artigo é bibliográfica, pautada em pesquisas advindas dos Estudos Culturais e pós-coloniais, da filosofia e da psiquiatria.

**Palavras-chave:** Identidade. Resistência Fanoniana. Maiorias Minorizadas. O ódio que você semeia.

**Abstract:** The present study, based on the novel *The Hate U Give*, (2019), by African-American writer Angie Thomas, presents the main aspects of violent resistance in the work, based on the theoretical studies of Frantz Fanon (2005; 2020). The novel's protagonist, a black teenager, witnesses the murder of a young black man during a police raid. The work shows how the character managed to leave the *status quo* of whiteness and was able to use his voice as a weapon of retaliation. Given the above, the objective of the study is to explain what forms of revision are present in the narrative – not just through the protagonist. Furthermore, this study aims to determine how resistance, in its Fanonian materialization, contributes to the creation of black subjectivity in the process of “becoming black”. To this end, the methodology used in the article is bibliographic, based on research from Cultural and post-colonial Studies, philosophy and psychiatry.

**Keywords:** Identity. Fanonian Resistance. Minorized Majorities. The Hate U Give.

## 1. Considerações iniciais sobre a literatura juvenil de maiorias minorizadas

A literatura, compreendida em uma escala ampla que abrange todos os gêneros literários prevaletentes ao longo dos séculos, teve (ainda tem) um papel pedagógico que dialogava com os valores axiológicos transmitidos pela classe dominante. Nesse meio, a literatura infantil floresceu. No século XVIII<sup>1</sup>, com a ascensão da burguesia na Europa, a referida seara literária teve um papel político, social e moralizante. As sociedades europeias, tangenciadas por guerras e doenças, estavam em colapso no quesito populacional. A taxa de mortalidade nos primeiros anos de vida era altíssima e o principal agravante era o fato de que não existia a faixa etária infantil. O ser humano, em seus primeiros anos de vida, era tido como um *adulto em miniatura* e, por ter seus cuidados negligenciados, acabava sentenciado ao óbito.

Na tentativa de reverter esse quadro, “a infância passa a ser considerada não apenas uma faixa etária diferenciada, mas também um período da existência com características singulares, que requer cuidados especiais e atendimento particularizado” (Zilberman, 1985, p. 98). Diante disso, a literatura infantil vem como um instrumento educacional e elucidativo para as crianças e também para os adultos, visto que abordava as consequências (sempre ruins) do abandono parental. Por ser um gênero literário idealizado com intenções pedagógicas, os temas das narrativas beneficiavam a manutenção e reafirmação constante dos paradigmas de normalidade. Um exemplo que atesta as discussões levantadas são as histórias dos Irmãos Grimm, as de Charles Perrault (1628-1703) e as de Hans Christian Andersen (1805-1875). Todos os autores, em suas narrativas, disseminavam os valores ideológicos e os arquétipos comportamentais da ordem hegemônica, sem a possibilidade de discordâncias, uma vez que todas as histórias seguiam embates maniqueístas e apenas o lado do bem saíria como vencedor.

Com o desenvolver das sociedades, na metade do século XX, a literatura juvenil passou a ser esquematizada de forma distinta da infantil, pois dialogava mais com o público adolescente e jovem. Todavia, sua consagração enquanto gênero próprio se deu após a crise da bolsa de valores de 1930 e a Segunda Guerra Mundial. O teórico Gregorin Filho (2012) explica o porquê disso, para ele:

Como nos demais textos produzidos na e para a sociedade, a literatura de recepção juvenil traz um discurso que dialoga com outras manifestações textuais no conflito de vozes dessa sociedade, ou seja, ela não é um veículo à parte na sociedade, também está carregada de valores ideológicos e de conflitos sociais (p. 18).

Ainda que seu processo de consagração tenha sido marcado por grandes conflitos mundiais que mudaram, significativamente, a forma de pensar e agir de muitas sociedades, a literatura juvenil também foi pensada como um instrumento pedagógico e maniqueísta, com o objetivo de reforçar os discursos e as normas da ordem dominante.

Todavia, esse paradigma maniqueísta começa a ser rompido na década de 1960 devido ao irrefreável desenvolvimento tecnológico e o processo de globalização da economia. Somado a isso, tem-se ainda o crescente fluxo de migração e o rompimento de fronteiras territoriais e culturais. Assim, “o processo de descolonização passou a rejeitar o eurocentrismo e a valorizar o Outro. Desconstroem-se os paradigmas

---

<sup>1</sup> No Brasil, no século XX, a literatura infantojuvenil se solidificou com as obras de Monteiro Lobato, no pré-modernismo.

eurocêntricos, pois se reconhece que existem pluralidades de destinos históricos e não há um único modelo que sirva para todos” (Pondé, 2000, p. 73).

Assim, com essa nova estruturação social, a literatura infantojuvenil passou a ser povoada por personagens mais diversos, contudo, em seu âmago, muitas narrativas juvenis continuavam (e continuam) reforçando os discursos e valores axiológicos da ordem dominante. É possível observar isso na popular série literária intitulada *Percy Jackson e os olímpianos* (2005-2009), de Rick Riordan. O autor, apesar de tentar inovar e modernizar a mitologia grega, acaba reforçando o teor machista e misógino das histórias mitológicas.

Na contracorrente, tem-se narrativas verdadeiramente engajadas em representatividade, como por exemplo, o romance *Félix para sempre* (2021), de Kacen Callender, que traz como protagonista um jovem artista negro, transexual e *queer*. Outro exemplo que tem esse mesmo viés é a produção literária da escritora afro-americana Angie Thomas. Suas obras, todas protagonizadas por adolescentes negros/as, têm sido tão assertivas em termos de engajamento social, que um de seus romances – *O ódio que você semeia* – foi censurado/banido em algumas escolas no Estado do Texas. A referida obra de Thomas, que servirá de *corpus* analítico para as discussões realizadas no presente estudo, mostra, dentro dos limites do texto literário, a dura realidade que jovens e adolescentes negros/as enfrentam no dia-a-dia e como eles/as resistem ao racismo estrutural que estrutura e permeia as relações sociais.

## 2. A resistência enquanto um conceito plural

Quando se pensa em resistência, é natural que a primeira imagem a surgir na mente seja um ato físico e, por muitas vezes, violento. Afinal de contas, resistir é ir contra algo que causa opressão ou algum tipo de incômodo. Todavia, o revide é um conceito amplo e ainda em progresso, visto que o ser humano segue em desenvolvimento. Dentro dos Estudos Culturais, a resistência é pensada, muitas vezes, como uma manifestação discursiva. O principal representante e teórico do conceito discursivo é o professor e pesquisador Bill Ashcroft. Em sua obra intitulada *Post-Colonial transformation* (2001), ele afirma que as formas mais singelas de dizer *não* são as mais assertivas no quesito revide. Para ele,

Se pensarmos na resistência como qualquer forma de defesa pela qual um invasor é “mantido do lado de fora”, as formas sutis e às vezes até tácitas de resistência social e cultural têm sido muito mais comuns. São essas formas sutis e mais difundidas de resistência, formas de dizer “não”, que são mais interessantes porque são mais difíceis de serem combatidas pelas potências imperiais<sup>2</sup> (Ashcroft, 2001, p. 20, tradução nossa).

Para embasar suas declarações, o teórico menciona conflitos armados de revide que não obtiveram resultados positivos a longo prazo por terem sido contidos e aniquilados pela ordem dominante. Em sua concepção, quando analisa os embates do período colonial, mesmo que os oprimidos tivessem conquistado sua independência em alguns territórios, observa que a luta não teve resultados a longo prazo, visto que um sistema opressor foi substituído por outro sistema opressor. Assim, resistir

---

<sup>2</sup> “If we think of resistance as any form of defence by which an invader is ‘kept out’, the subtle and sometimes even unspoken forms of social and cultural resistance have been much more common. It is these subtle and more widespread forms of resistance, forms of saying ‘no’, that are most interesting because they are most difficult for imperial powers to combat” (Ashcroft, 2001, p. 20).

discursivamente, por meio de ideias, é mais eficiente, uma vez que o discurso não pode ser aniquilado.

Em contrapartida, há o conceito da resistência física e violenta. Diferente do que se crê no senso comum, resistir fisicamente não é, em alguns casos, lutar corporalmente com um oponente pré-definido. O psiquiatra e filósofo político marxista Frantz Fanon (1925-1961), originário das Antilhas francesas, voltou grande parte de suas teorizações para a questão pós-colonial. Partindo de uma perspectiva negra, o autor compreendia o racismo enquanto uma patologia psiquiátrica e almejava explicar de que forma a “civilização branca e a cultura europeia impuseram ao negro um desvio existencial” (Fanon, 2020, p. 27).

Na concepção do teórico, com o advento do conceito de raça, os/as negros/as estavam cada vez mais se desligando de seus referentes originários e buscavam se aproximar dos referentes brancos. Para ele,

Todo povo colonizado – isto é, todo povo em cujo seio se originou um complexo de inferioridade em decorrência do sepultamento da originalidade cultural local – se vê confrontado com a linguagem da nação civilizadora, quer dizer, da cultura metropolitana. O colonizado tanto mais se evadirá da própria selva quanto mais adotar os valores da metrópole. Tão mais branco será quanto mais rejeitar sua escuridão, sua selva (Fanon, 2020, p. 32).

Para Fanon, é necessário destruir os referentes brancos, pois, mesmo que a independência – no período colonial – seja atingida, o/a negro/a continuará aprisionado/a em sua mente. Dessa forma, o que ele chama de “alma negra” precisa ser aniquilada, uma vez que ela foi construída pela branquitude. É importante entender que não se trata de racismo negro, é apenas a plena constatação de que o paradigma de naturalidade é o homem branco e, nesse raciocínio, sendo seu oposto, o homem negro é um erro – algo não natural. Assim, o psiquiatra propõe a aniquilação total dos referentes brancos.

Defensor de um humanismo radical, ele acreditava que apenas a mais plena desracialização física e mental iria libertar o/a negro/a da sua posição de subalternidade. Para Fanon (2005), “a descolonização é simplesmente a substituição de uma espécie de homens por outra espécie de homens. Sem transição, há uma substituição total, completa, absoluta” (p. 18), ou seja, o filósofo marxista almejava tirar o Homem Branco de sua posição eurocêntrica e colocar o Homem – sem advento de qualquer ideologia racial – no lugar.

Nessa linha, para alcançar a desracialização do sujeito, Fanon propõe que o discurso (o ato de falar) deve ser o ponto de partida desse tipo de resistência. Todavia, o psiquiatra se distancia das teorizações de Bill Ashcroft sobre o revide discursivo. O que interessa ao filósofo marxista é destruir o domínio linguístico do colonizador. Na lógica fanoniana, “falar é ser capaz de empregar determinada sintaxe, é se apossar da morfologia de uma ou outra língua, mas é acima de tudo, assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização” (Fanon, 2020, p. 31), ou seja, o sujeito negro, quando fala, deve falar como um negro, agir e pensar como um negro.

A violência do revide que Fanon propõe está contida no processo de desracialização. Para ele, aniquilar o constructo da raça e os paradigmas de normalidade na mente de negros/as é, por si só, violento. Trata-se de destruir todos os referentes que o sujeito conhece e substituir por outros. É um auto aniquilamento racial eurocêntrico que começa, primeiramente, na mente do/a negro/a e depois parte para o/a outro/a (branco/a). Apesar de ser tido como um radical pelas suas preposições, Fanon (2005) argumenta que a violência é necessária, pois, o que se está disputando – em ambos os

lados combatentes – é o poder de decidir o que é normal e o que é selvagem, o que é certo e o que é errado:

A violência que presidiu à constituição do mundo colonial, que ritmou incansavelmente a destruição das formas sociais indígenas, que demoliu sem restrições os sistemas de referências da economia, os modos de aparência, a roupa, será reivindicada e assumida pelo colonizado desde o momento em que, decidida a converter a história em ação, a massa colonizada penetra violentamente nas cidades proibidas (Fanon, 2005, p. 21).

Desse modo, o que Fanon de fato propõe é devolver a violência ao colonizador. Assim, a violência não partiria, inicialmente, dos/as negros/as, ela seria continuada por eles/as. E, reiterando todas as argumentações anteriores, o ponto de partida para devolver a violência colonial é a linguagem, uma vez que a destruição da linguagem originária dos povos colonizados foi, na grande maioria dos casos, a primeira forma de opressão e materialização da violência colonizadora. Fanon estava propondo a destruição da sintaxe colonizadora para que o/a negro/a pudesse, de fato, ser um/uma negro/a.

Historicamente, tem-se o registro de várias personalidades negras que utilizaram o conceito de resistência fanoniana na luta contra a opressão racial que continua ativa mesmo após séculos do período escravocrata. Entre as décadas de 1950 e 1960, nos Estados Unidos, o ativista islâmico Malcolm X<sup>3</sup> pregava as ideias do humanismo negro, defendendo que era necessário revidar violentamente contra o inimigo – a branquitude. Além dele, dois movimentos radicais tinham como base a violência: o Black Power e os Panteras Negras. Com o passar dos anos, as teorizações de Fanon ainda se mantinham sólidas e expoentes, influenciando artistas como Tupac Sakur, que foi criado por sua mãe Afeni Shakur Davis, membro dos Panteras Negras.

Além disso, a literatura, em especial a juvenil, tem trazido a resistência violenta fanoniana em suas narrativas. Além do *corpus* do presente estudo – *O ódio que você semeia* –, outros/as autores/as como Ibi Zoboi e Yusef Salaam<sup>4</sup> também partiram do princípio do revide fanoniano para compor suas obras. O já citado Tupac Sakur, rapper afro-americano, semeava a quebra com a sintaxe colonizadora em suas músicas e em seus poemas. Assim, mapear a influência de Frantz Fanon é um empreendimento que demanda mais tempo e pesquisa. O presente estudo, partindo dos pressupostos fanonianos, almeja evidenciar de que forma uma teoria tida como radical e impraticável por uma gama de críticos, é tão bem estruturada e aplicada em um romance juvenil.

### 3. A resistência fanoniana no romance *O ódio que você semeia*

O romance afro-americano, publicado no ano de 2017, alcançou notoriedade global antes mesmo de ter sido lançado. Livro de estreia da escritora Angie Thomas, *O ódio que você semeia* conquistou diversos prêmios ao redor do mundo e se manteve em primeiro lugar na lista de *best-sellers* do *The New York Times*. A obra recebeu tanto

---

<sup>3</sup> Malcolm X foi um importante ativista na luta contra a opressão racial nos Estados Unidos e nas nações islâmicas. Devido ao seu poder de retórica e popularidade, ele foi assassinado em 1965, enquanto palestrava. Um de seus lemas de vida era “[...] usar para se defender a mesma violência que os racistas usam para oprimir o povo preto” (Ferreira apud Malcolm X, 2021, p. 11).

<sup>4</sup> Yusef Salaam vivenciou na pele a violência da opressão racial. Em 1990, ele e mais quatro jovens negros foram presos injustamente por um crime que não cometeram e sentenciados a penas de 7 a 13 anos. Em 2003 a sentença foi revogada e Salaam passou a ser ativista e a lutar contra a violência policial.

sucesso que foi adaptada para o cinema em 2018. Mesmo após anos de seu lançamento, o livro continuou tendo destaque e chegou a ser banido em algumas escolas nos Estados Unidos<sup>5</sup> e, dentro dos argumentos usados para a proibição, o uso de palavrões foi apontado como principal agravante. Todavia, para os/as conhecedores/as da narrativa, a quantidade de palavras de baixo calão é quase nula.

A história, narrada por uma adolescente negra chamada Starr, é ambientada em um bairro fictício intitulado Garden Heights. O local, por ser majoritariamente habitado por pessoas negras e controlado por gangs, recebe muita atenção policial após uma festa ter sido palco de um crime: um jovem negro, membro de uma gang, foi alvejado e morto. O suspeito ainda estava solto. Starr estava na festa e recebe carona de um antigo amigo, o jovem Khalil Harris. Prestes a chegar na casa de Starr, os dois são parados em uma *blitz* por um policial identificado como Um-Quinze. O perfil combativo de Khalil somado ao “agravante” de ser negro acabam deixando o policial assustado e, ao se mover quando a ordem era permanecer parado, o jovem acaba baleado três vezes e morre. Sendo a única testemunha que poderia combater os discursos que criminalizavam Khalil e o responsabilizavam por sua própria morte, Starr precisa enfrentar algumas problemáticas raciais para defendê-lo.

A inspiração de Angie Thomas para compor sua narrativa partiu de alguns casos notáveis de violência policial contra negros nos Estados Unidos, sendo os principais: Oscar Grant (2009), Trayvon Martin<sup>6</sup> (2012) e Tamir Rice<sup>7</sup> (2014). Em todos os casos citados, as vítimas foram culpabilizadas por seus próprios assassinatos. O caso de Oscar Grant, determinante para a escrita de THUG<sup>8</sup>, foi comentado pela própria Thomas, “ela [Angie] ficou chocada quando alguns de seus colegas brancos disseram que ele [Oscar] provavelmente merecia” (Alter, 2017, s/p). Contudo, Grant estava algemado e desarmado quando foi alvejado pelo policial Johannes Mehserle.

A obra de Thomas, por partir do princípio da verossimilhança, estabeleceu e continua estabelecendo relações com a realidade de jovens negros/as. A narrativa, que almeja a construção de uma identidade negra empoderada, rompe com os paradigmas da branquitude e mostra aos/as jovens e adolescentes, de maneira didática, as engrenagens do racismo estrutural estadunidense. Dessa forma, vê-se a necessidade de estabelecer alguns recortes analíticos, uma vez que abordar, minuciosamente, todos os detalhes do romance é um empreendimento para outro contexto. A obra, no que tange ao revide, não elenca uma resistência melhor ou mais assertiva. A protagonista, Starr Carter, compreende que terá mais notoriedade se revidar por meio do discurso. Em

<sup>5</sup> Informações disponíveis no seguinte link: <<https://www.marshall.edu/library/bannedbooks/the-hate-u-give/>>. Acesso em 01 de jan. de 2024.

<sup>6</sup> Trayvon Martin, 17 anos, foi baleado e morto em um condomínio fechado em Sanford, na Flórida em 2012. Ele estava na casa da namorada e havia saído para comprar balas. Um vigia chamado George Zimmerman, portando uma arma, passou a seguir o adolescente pois ele “parecia disposto a aprontar algo”, conforme informou ao ligar para polícia para denunciar o garoto. Desrespeitando ordens policiais que o mandavam parar de seguir Martin, ele disparou contra o adolescente. Em 2013, Zimmerman foi absolvido das acusações (Mena, 2022)

<sup>7</sup> Tamir Rice, 12 anos, foi baleado e morto em um parque em Cleveland, em novembro de 2014. “Os policiais Timothy Loehmann e Frank Garmback responderam a um chamado sobre um homem negro que estava sentado em um balanço e apontava a arma para as pessoas em um parque da cidade. A pessoa que ligou expressou dúvida sobre a autenticidade da arma e disse que se tratava provavelmente de um jovem, mas essa informação não foi transmitida aos policiais que responderam ao chamado. Dois segundos depois de chegar ao local, Loehmann disparou dois tiros, um dos quais acertou Rice no torso. Descobriu-se mais tarde que a arma de Rice era uma arma de brinquedo preta. Em dezembro de 2015, o grande júri recusou-se a indiciar Loehmann e Garmback” (Bonilla-Silva, 2020, p. 86).

<sup>8</sup> Com o intuito de evitar repetições e danificar o sistema coesivo do texto, o romance de Angie Thomas será referido como “THUG”, a sigla da obra em sua titulação no inglês – *The Hate U Give*.

contrapartida, o pai da protagonista, Maverick Carter, assume para si o revide violento como uma filosofia de vida. Ademais, a autora entrelaça os dois tipos de revide, mostrando que eles podem ser complementares. Afinal de contas, se o racismo foi se sofisticando com o passar dos séculos, é natural que as formas de lhe combater também o façam.

Diante do exposto, será trabalhado o conceito da resistência fanoniana no romance de Angie Thomas. Conforme já mencionado, o espaço onde se passa grande parte da narrativa é em um bairro negro e violento, governado por gangs de traficantes. O pai da protagonista, em sua adolescência e por ser filho do antigo King – o rei do crime de uma das gangs – já traficou e foi preso por essa penalidade. Após sair da prisão, Maverick tomou a decisão de ser um pai e marido exemplar, mantendo-se longe da criminalidade e criando seus filhos de uma forma que os fizesse entender o que é o racismo e como isso iria afetá-los por serem negros.

A jornada de Maverick, desde seu nascimento, foi marcada pela violência e pelo racismo. Ao traficar, ele acreditava estar trapaceando o *sistema* e se vangloriava pelo dinheiro rápido e fácil do crime. Em sua concepção, ele finalmente era um homem negro de verdade por enfim conseguir pagar as despesas de casa. Todavia, ele apenas estava se destruindo no processo. Após cumprir pena com o próprio pai, Maverick entende que ele apenas estava alimentando o próprio sistema e fomentando as fantasias da branquitude ao tentar ser um *negro de verdade* por meio do crime. Ele era um bandido de verdade. Quando constata isso, sente vergonha e busca construir-se enquanto um negro.

Ele faz exatamente o que Fanon (2020) determina como crucial: destrói os referentes da branquitude e, nesse processo, compõe o seu senso de normalidade com referentes negros. O seguinte trecho da obra ilustra bem a afirmação:

O Jesus Negro está pendurado em uma cruz em um quadro na parede do corredor e Malcolm X segura uma arma em uma fotografia ao lado. [...] Nós nunca comemos carne de porco. Não somos muçulmanos. Estamos mais para “cristãomanos”. Mamãe se tornou integrante da Igreja do Templo de Cristo quando estava na barriga da vovó. Papai acredita no Jesus Negro, mas é mais fiel ao Programa dos Dez Pontos do Partido dos Panteras Negras do que aos Dez Mandamentos. Ele concorda com a Nação do Islã em algumas coisas, mas não consegue superar o fato de que eles podem ter matado Malcolm X (Thomas, 2019, p. 32-33).

Todo o núcleo familiar dos Carter acredita no Jesus Negro e isso é natural aos personagens. Dentro da lógica fanoniana, desembranquecer o referente máximo e mais adorado da fé cristã é uma manifestação de resistência violenta, uma vez que, “a igreja nas colônias é uma igreja de brancos, uma igreja de estrangeiros. Não chama o homem colonizado ao caminho de Deus, mas ao caminho do branco” (Fanon, 2005, p. 22). Nas vias da realidade, escurecer Jesus ainda é tido como um crime, quase um sacrilégio ao divino. Contudo, apesar de sempre ser retratado como um europeu, ele era originário do Oriente Médio e, por questões geográficas, dificilmente teria sido loiro, branco e de olhos azuis. Essa imagem europeia tem fundamentações econômicas, sociais, políticas e ideológicas, visto que,

A representação tradicional de Cristo produz uma desconexão cognitiva em que um indivíduo pode sentir um grande afeto por Jesus e, ao mesmo tempo, demonstrar pouca empatia por uma pessoa do Oriente Médio. Da mesma forma, a afirmação teológica de que os seres humanos foram criados à imagem e semelhança de Deus tem consequências: se Deus é sempre representado como um homem branco, por padrão os homens serão brancos,

uma ideia subjacente a um racismo latente. Historicamente, o branqueamento de Jesus contribuiu para que cristãos perpetrassem um dos mais terríveis atos antissemitas já documentados (Whitaker, 2019, s/p).

Seria difícil, para o colonizador, usar a religião como justificativa para seus crimes quando o referente máximo da fé cristã fosse semelhante ao colonizado. Na contemporaneidade, apesar de não se ter mais o empreendimento colonizador, tem-se o que Bonilla-Silva (2020) chama de racismo estrutural. A ordem dominante, a que lucra com a desigualdade social, com o tráfico de drogas e com a periferia do capitalismo, precisa que a raça seja o principal determinante das relações sociais para continuar lucrando, assim como no período colonial. Bonilla-Silva (2020) explica que,

Apesar das profundas mudanças que ocorreram na década de 1960, uma nova estrutura racial – novo racismo, em suma – é operante, o que explica a persistência da desigualdade racial. Os elementos que compõem essa nova estrutura racial são: a natureza cada vez mais velada do discurso e das práticas raciais; a evitação da terminologia racial e a crescente alegação dos brancos de que estão vivenciando um “racismo reverso”; o desenvolvimento de uma agenda racial acerca de questões políticas que evita referências raciais diretas; a invisibilidade da maior parte dos mecanismos que reproduzem a desigualdade racial; e, finalmente, a rearticulação de algumas práticas raciais características do período Jim Crow de relações raciais (p. 49).

Nessa lógica de Bonilla-Silva (2020), é possível compreender a não aceitação de um Jesus *mais escuro* como uma performance de racismo reverso. Assim, ao reconstruir, na mente dos filhos, a imagem de Jesus enquanto negro, Maverick está questionando a história oficial. Fanon (2020) afirma que questionar a história é um dos pontos de partida para “tornar-se negro”,

O colono faz a história e sabe que a faz. E como se refere constantemente à história da metrópole, indica com clareza que está aqui como prolongamento dessa metrópole. A história que escreve não é, pois, a história do país que ele despoja, mas a história da sua nação onde ele rouba, viola e espalha a fome. A imobilidade a que está condenado o colonizado não pode ser impugnada, senão quando o colonizado decide pôr termo à história da colonização, à história da pilhagem, para fazer existir a história da nação, a história da descolonização (Fanon, 2005, p. 26-27).

Outro ponto importante que Maverick aborda na criação dos filhos é a corrente filosófica do humanismo radical de Frantz Fanon por meio dos discursos dos Panteras Negras e do Malcolm X. Diferente de Malcolm que pregava a violência no revide sem nunca ter partido para a violência física de fato, o grupo político dos Panteras Negras foi marcado, em seu processo de formação, pelo uso de armas de fogo. Somado ao revide físico, o grupo tinha o seu programa de dez pontos, fazendo uma reinterpretação dos dez mandamentos bíblicos, mas considerando o/a negro/a como referente.

Quando Starr decide testemunhar e divulgar a versão dela do ocorrido na operação policial que matou Khalil, o traficante que governava uma parte de Garden Heights tenta ameaçá-la para que ela desista de depor, uma vez que exporia qual era o envolvimento de seu amigo com o tráfico de drogas, comprovando que ele não era um bandido perigoso que *merecia morrer* conforme está sendo representado na mídia. Khalil foi um jovem necessitado que precisava arcar com as contas da casa e pagar o tratamento de câncer da avó. King – o novo traficante – sabia que divulgar isso iria causar revolta contra ele e por isso busca silenciar a jovem:

Vidro se estilhaça. E pop, pop, pop, pop. Tiros.

— Se abaixem! — grita papai.

Eu já estou no chão. Sekani se deita ao meu lado, mamãe em cima de nós, com os braços em volta de nós dois. Os pés de papai soam correndo na direção da frente de casa, e as dobradiças da porta gemem quando ele a abre. Ouvimos barulho de pneus cantando.

[...]

— Você ligou para a polícia? — pergunta tio Carlos.

— Claro que não! — diz papai. — Como vou saber que não foram eles?

— Maverick, você devia ter ligado mesmo assim — diz tio Carlos. — Isso precisa ser registrado, e podem mandar alguém para proteger a casa.

— Ah, eu coloco alguém para proteger a casa. Não se preocupe com isso. Não vai ser um policial corrupto que pode estar por trás disso.

— Podem ter sido os King Lords! — diz tio Carlos. — Você não disse que King fez uma ameaça velada a Starr por causa da entrevista?

— Eu não vou amanhã — digo [...] (Thomas, 2019, p. 269-271).

Sendo desconfiado do sistema policial, a primeira reação de Maverick é pensar que poderiam ter sido eles. Starr, ao perceber que nem a polícia seria confiável, decide que não irá mais testemunhar. Ao constatar que sua filha havia caído na armadilha e foi coagida a permanecer em silêncio, Maverick a faz entender a importância da fala dela por meio do revide violento dos Panteras Negras:

— Ponto um do programa de dez pontos. Diga.

Meus irmãos e eu aprendemos a recitar o programa de dez pontos dos Panteras Negras da mesma forma que outras crianças aprendem a dizer o juramento à bandeira americana.

— “Nós queremos liberdade” — digo. — “Queremos o poder de determinar o destino das nossas comunidades negras e oprimidas.”

— Diga de novo.

— “Nós queremos liberdade. Queremos o poder de determinar o destino das nossas comunidades negras e oprimidas.”

— Ponto sete.

— “Nós queremos fim imediato da brutalidade policial” — eu digo — “e do assassinato de pessoas negras, de pessoas de outras raças que não a branca e de pessoas oprimidas.”

— De novo.

— “Nós queremos fim imediato da brutalidade policial e do assassinato de pessoas negras, de pessoas de outras raças que não a branca e de pessoas oprimidas.” (Thomas, 2019, p. 271-272).

Na busca por manter a mente da filha longe das ameaças e do medo de falar, Maverick usa mais um dos principais referentes do revide violento, o já citado ativista radical Malcolm X:

— E o que o irmão Malcolm disse que é nosso objetivo?

Seven e eu éramos capazes de citar Malcolm X aos 13 anos. Sekani ainda não chegou lá.

— Liberdade completa, justiça e igualdade — digo —, por qualquer meio necessário.

— De novo.

— Liberdade completa, justiça e igualdade, por qualquer meio necessário.

— Então por que você vai ficar quieta? — pergunta papai (Thomas, 2019, p. 272).

Apesar de eleger o revide discursivo, conforme definido por Bill Ashcroft (2001), como a resistência que mais se enquadra em sua personalidade, a protagonista

entende que para revidar como uma negra ela precisou, em um primeiro momento, pensar como uma negra. Diante disso, mesmo que não tenha sido o caminho de Starr, o revide violento a auxiliou na desconstrução da sintaxe da branquitude que fazia parte de sua mente. E de fato, Maverick nunca quis que seus filhos sentissem a violência, a revolta e a fúria que ele sentia quando era vitimado pela ordem dominante. Eram sentimentos primitivos que reverberavam dentro dele:

Tem papéis espalhados por todo o chão da sala. Papai está curvado sobre a mesa, as costas subindo e descendo a cada respiração.

Ele soca a mesa.

— Porra!

Papai me disse uma vez que tem uma fúria que é passada para todos os negros pelos ancestrais, gerada no momento em que eles não conseguiram impedir que os donos de escravos machucassem suas famílias. Papai também disse que não tem nada mais perigoso do que a hora em que essa fúria é ativada (Thomas, 2019, p. 168).

Para Maverick, um homem negro de periferia e ex-presidiário, resistir violentamente era a única forma de não ser consumido pela violência que ele recebia da branquitude. Direcionar a sua fúria e violência para um inimigo definido era o que o ajudava a seguir vivendo. Todavia, ele não desejava isso aos filhos, principalmente à Starr. Ao *construí-la* com todos os discursos e referentes negros, Maverick estava lhe oferecendo todos os subsídios que ele não teve na adolescência. É pelo revide violento do pai que ela tem a possibilidade de escolher a resistência discursiva como arma. Além disso, é através da desconstrução sintagmática colonizadora de Maverick que Starr entende que tentar racionalizar a morte de Khalil era algo inviável e que todos os envolvidos no ocorrido (o tráfico de drogas, o racismo estrutural, o policial Um-Quinze, Starr, Khalil) eram agentes que estavam apenas performando a violência da ordem hegemônica, como ele mesmo explica:

— E qual é o ódio que estão semeando para as “criancinhas” na sociedade de hoje?

— Racismo?

— Você tem que me dar mais detalhes do que isso. Pense em Khalil e na situação toda. Antes de ele morrer.

— Ele era traficante. — Dói falar. — E possivelmente membro de uma gangue.

— Por que ele era traficante de drogas? Por que tantas pessoas do nosso bairro são traficantes? Eu me lembro do que Khalil disse: ele se cansou de escolher entre a luz e a comida.

— Eles precisam de dinheiro — digo. — E não têm muitas outras formas de ganhar dinheiro.

— Certo. Falta de oportunidades — diz papai. — Os Estados Unidos corporativos não trazem empregos para nossas comunidades, e claro que não nos contratam com facilidade. Aí, merda, mesmo que você tenha diploma do ensino médio, muitas das escolas nos nossos bairros não nos preparam bem o bastante. Foi por isso que, quando sua mãe falou sobre mandar você e seus irmãos para Williamson, eu concordei. Nossas escolas não recebem os recursos para equipar vocês como a Williamson recebe. É mais fácil conseguir crack do que uma boa escola por aqui (Thomas, 2019, p. 146)

Nesse ponto, Maverick Carter explica para Starr como a lógica da periferia do capitalismo é estruturada em locais periféricos como o Garden Heights. Faltando *capacidade* por parte dos/as oprimidos/as, eles/as precisam – por sobrevivência – aceitar empregos que se enquadram na chamada periferia do capitalismo. Em linhas gerais,

tendo oportunidades escassas e menos preparo do que a classe dominante, os/as oprimidos/as são direcionados a viver a superexploração do trabalho que se traduz “no pagamento de remuneração abaixo do valor necessário para a reposição de trabalho e maior exploração física do trabalhador [...] que não consegue com o salário sustentar a própria família ou o faz com muita dificuldade” (Almeida, 2021, p. 172). E é para evitar a superexploração do trabalho que muitos/as se voltam à criminalidade:

“Agora, pense nisso. Como as drogas chegaram ao nosso bairro? Estamos falando de uma indústria de muitos bilhões de dólares, filha. Essa merda vem voando para as nossas comunidades, mas não conheço ninguém que tenha jatinho particular. Você conhece?”

— Não.

— Exatamente. As drogas vêm de algum lugar e estão destruindo nossa comunidade — diz ele. — Tem gente como Brenda, que acha que precisa delas para sobreviver, e tem os Khalils, que acham que precisam vendê-las para sobreviver. As Brendas não conseguem emprego se não estiverem limpas, e não podem pagar reabilitação se não tiverem emprego. Quando os Khalils são presos por venderem drogas, eles passam a maior parte da vida na prisão, outra indústria de bilhões de dólares, ou têm uma dificuldade enorme para conseguir um emprego e muitas vezes acabam vendendo drogas de novo. Esse é o ódio que estão semeando, filha, um sistema elaborado contra nós. Essa é a vida bandida, a vida marginal, a Thug Life.

— Eu entendo, mas Khalil não tinha que vender drogas — eu digo. — Você parou.

— Verdade, mas se você não se colocar na posição dele, não o julgue. É mais fácil cair nessa vida do que sair dela, principalmente em uma situação como a dele (Thomas, 2019, p. 146-147)

É só quando consegue parar de racionalizar a morte de Khalil, por meio da quebra da sintaxe colonizadora, que Starr compreende quem é, de fato, o inimigo e a necessidade de combatê-lo. As explicações de seu pai, ao longo do desenvolvimento subjetivo da jovem, a fazem perceber como ela, com algumas ações e pensamentos, tentava se enquadrar na sintaxe da branquitude.

Em sua juventude, conforme já foi exposto, Maverick tentou lutar contra o sistema através do tráfico de drogas, mas apenas acabou se tornando mais uma vítima da branquitude. Todavia, após ter vivido na pele as consequências de ser negro periférico, ele aprendeu que a única forma de combater ao sistema é ajudando jovens negros/as a “tornar-se negro” (Fanon, 2020). Apesar de ter morrido, Khalil tinha consciência de sua negritude e sabia que era uma vítima da periferia do capitalismo. Tendo trabalhado no mercado de Maverick e convivido com ele, o jovem teve várias lições sobre o sistema e chega a ensinar uma delas a Starr um pouco antes de morrer, “Pac disse que *Thug Life*, ‘vida bandida’, queria dizer *The Hate U Give Little Infants Fucks Everybody*, ou ‘o ódio que você passa pras criancinhas fode com todo mundo’” (Thomas, 2019, p. 21).

Ainda que seja uma declaração pequena, na verdade se trata de uma quebra com a sintaxe colonizadora, em outras palavras, uma ruptura com os estereótipos da branquitude. Ser *thug life*, dentro da lógica da ordem dominante é ser um bandido, todavia, o *thug life* é uma ideologia negra criada por Tupac Sakur para unir os/as negros/as no combate contra o racismo e contra a violência policial. Assim, Khalil, por meio de Maverick, tinha referentes negros em sua intelectualidade e estava no processo de “tornar-se negro”.

Khalil é vitimado e sua vida é interrompida, mas Maverick tem uma segunda chance com outro jovem negro traficante que estava perdido. Assim, o ato físico da resistência violenta de Maverick é guiar esses jovens –como Khalil e DeVante, o outro

rapaz que ele ajuda – a terem uma fonte de renda correta (trabalhando no mercado). Além disso, ele e seu cunhado policial atuam como uma figura paterna na vida de DeVante, fazendo o jovem se sentir acolhido e protegido para que pudesse testemunhar contra King, o mesmo traficante que *prende* Khalil.

Em suma, o constructo identitário da resistência fanonina reside no fato de que, de partida, é preciso compreender que a identidade a ser aniquilada no/a negro/a é criada pela branquitude. Fanon (2020) entende que para ser negro/o é necessário matar a “alma branca”, os estereótipos e o referente de normalidade da branquitude. Grada Kilomba (2019) explica que:

Não é com o sujeito negro que estamos lidando, mas com as fantasias brancas sobre o que a negritude deveria ser. Fantasias que não nos representam, mas, sim, o imaginário branco. [...] No mundo conceitual branco é como se o inconsciente coletivo das pessoas negras fosse pré-programado para a alienação, decepção e trauma psíquico, uma vez que as imagens da negritude às quais somos confrontadas/os não são nada realistas, tampouco gratificantes (p. 38-39).

O papel de Maverick, através do revide fanoniano, foi guiar Starr e os demais jovens negros a perceber que eles precisavam entender quem era o inimigo e como esse inimigo estava tangenciando suas mentalidades de fantasias e estereótipos da branquitude. Apesar de, ao final da narrativa, Starr entender que para ela seria mais eficiente um revide discursivo, a resistência violenta a fez se construir enquanto uma jovem negra que tinha o direito de determinar o que era o melhor para ela.

#### 4. Considerações finais

A obra *O ódio que você semeia* (2019), da escritora afro-americana Angie Thomas é heterogênea e possibilita diversas entradas analíticas não só com teorias dos Estudos Culturais. O romance de Thomas, publicado em 2017, segue se mantendo como uma narrativa contemporânea pois dialoga com as consequências do racismo estrutural na vida de jovens e adolescentes negros/as. Além disso, a autora buscou apresentar formas plurais de combater a violência racial que impacta a realidade de todos os indivíduos que compõem a sociedade, sejam eles/as brancos e/ou negros.

No presente estudo, o foco foi direcionado para o conceito de resistência criado pelo teórico marxista Frantz Fanon (2005; 2020). Na concepção dele, a resistência contra as formas coloniais deve ser sempre violenta, uma vez que a “civilização branca e a cultura europeia impuseram ao negro um desvio existencial” (Fanon, 2020, p. 27) e, nessa lógica, a única forma do/a negro/a se livrar desse “desvio existencial” seria negar e destruir todos os referentes de normalidade que foram construídos pela branquitude.

Apesar de ser tido por alguns críticos como um radical, a resistência fanoniana foi uma forte ferramenta na luta contra a opressão racial ao longo dos séculos. Durante as décadas de 1950 e 1960, período marcado por uma notável desobediência civil nos Estados Unidos, o ativista muçulmano Malcolm X conquistou uma legião de admiradores com suas palestras que clamavam o revide violento da população negra estadunidense. Dentre suas declarações, Malcolm destacava a importância de romper com as migalhas da branquitude:

O senhor de escravos pegou Pai Tomás e o vestiu bem, alimentou-o bem e até lhe deu um pouquinho de educação – um pouquinho de educação; deu-lhe um casaco comprido e uma cartola e fez com que todos os outros escravos o

respeitassem. Depois ele usou o Pai Tomás para controlá-los. A mesma estratégia que era usada naquela época é usada hoje, pelo mesmo homem branco. Ele pega um negro, um assim chamado “negro”, e o torna notável, fortalece-o, promove-o, faz dele uma celebridade. E então ele se torna um porta-voz dos negros – e um líder negro (Malcolm X, 2021, p. 34).

O “negro da casa”, dentro da lógica fanoniana seria o negro que sofreu um “desvio existencial” e precisava revidar violentamente contra isso. Ainda nessa seara, dois grupos armados foram determinantes na disseminação da resistência violenta: o Black Power e os Panteras Negras. A autora do *corpus* analisado no presente estudo, partiu desses referentes contemporâneos para compor a subjetividade do pai da protagonista, Maverick Carter e, através dele, Thomas mostrou como o revide violento é uma importante arma contra a branquitude. Indo além, a autora usou a resistência fanoniana como constructo identitário para Maverick e para os jovens que ele ajudou

Por fim, sempre quando se trabalha com um *corpus* que envolve questões raciais como o romance THUG, é importante destacar que não se trata de uma obra com uma história única. Thomas (2019), por meio da literatura juvenil, mostra que todos/as, brancos/as e/ou negros/as, são vítimas do racismo estrutural. Para além disso, ela evidencia como um gênero literário considerado *menos sério*<sup>9</sup> é necessário e importante na constituição dos/as jovens e adolescentes/as brancos/as e negros/as, chegando até ser banido em algumas escolas por seu poder de abalar *o status quo* da sintaxe colonizadora.

## Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021.

ALTER, Alexandra. New Crop of Young Adult Novels Explores Race and Police Brutality. *New York Times*, 2017. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2017/03/19/books/review/black-lives-matter-teenage-books.html>>. Acesso em 01 de jan. 2024.

ASHCROFT, Bill. *Post-Colonial transformation*. London: Routledge, 2001.

BANNED books 2023 – The Hate U Give. *Marshall Libraries*, Huntington Beach, June 23, 2023. Disponível em: < <https://www.marshall.edu/library/bannedbooks/the-hate-u-give/>>. Acesso em 01 de jan. 2024.

BONILLA-SILVA, Eduardo. *Racismo sem racistas: o racismo da cegueira de cor e a persistência da desigualdade na América*. Trad. Margarida Goldsztajn. São Paulo: Perspectiva, 2020.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Trad. Enilce Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

---

<sup>99</sup> Um exemplo de crítico literário que defende a chamada “alta literatura” é Harold Bloom com a sua Escola do Ressentimento. Para ele, o contexto social e ideológico do texto literário não deveria ser considerado na qualificação da obra em questão e, quando considerado, o objeto artístico perderia sua qualidade. Os/as autores/as que rebateram o teórico, em grande parte pertencentes de grupos minoritários, foram inseridos na Escola do Ressentimento.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FERREIRA, Preta. Apresentação à edição brasileira. In: MALCOLM, X. *Malcolm X fala*. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. *Literatura juvenil: adolescentes, cultura e formação de leitores*. Editora Melhoramentos: 2012.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios do racismo cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MENA, Fernanda. Entenda como assassinato de jovem negro há 10 anos resultou no Black Lives Matter. *Folha de São Paulo*, 2022.

Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/02/entenda-como-assassinato-de-jovem-negro-ha-10-anos-resultou-no-black-lives-matter.shtml>>. Acesso em 01 de jan. de 2024.

PONDÉ, Glória. Releituras do feminino na literatura infantil. *VIDYA*, v. 19, n. 33, p. 9, 2000.

THOMAS, Angie. *O ódio que você semeia*. Trad. Regiane Winarski. Rio de Janeiro: Galera Record, 2019.

WHITAKER, Robyn J. Ponto de vista: por que é importante saber que Jesus não era branco. *BBC News*, 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-47985039>>. Acesso em 01 de jan. de 2024.

ZILBERMAN, Regina. Introduzindo a literatura infanto-juvenil. *Perspectiva*, v.2, n. 4, p. 98-102, 1985.